

Fundação Getúlio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)

Projeto: Dossiê Brasília 50 anos
Entrevistado: Paulo Firmino de Aguiar
Local: Juiz de Fora – MG
Entrevistadores: Bernardo Buarque de Hollanda e Vanuza Moreira Braga
Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar
Data da transcrição: 26 de maio de 2010
Conferência de fidelidade: Mariana Franco Lopes
Data da conferência: 31 de maio de 2010

Entrevista: 22 de abril de 2010

B.H. – Paulo, nós ontem tivemos a comemoração da inauguração da cidade de Brasília, do processo de construção da qual você foi um dos personagens, participou de todo o processo de construção, e nós queremos conhecer um pouquinho essa sua história. Então, para começar, eu peço que você diga onde você nasceu, quando você nasceu, conte um pouquinho sobre os seus pais, a sua vida, das suas lembranças mais antigas.

P.A. – Eu nasci em um lugar chamado Jacu, no estado... município de Campina Grande, e de Campina Grande, depois, vim para um lugar chamado Calabis¹, que fica no município de Ingá do Bacamarte, e de lá voltamos para um lugar chamado Vermelho, também município de Ingá do Bacamarte. Então, a cidade que eu conheço bem se chama Ingá do Bacamarte. Foi quando eu comecei a me entender de gente, porque de lá eu vim para o Rio de Janeiro, no final de 1953.

B.H. – Os seus pais eram de lá?

¹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

P.A. – É, os meus pais eram de lá desse lugar de Campina Grande, mas aí ficou todo mundo... Eu acabei de me criar mesmo foi em Ingá do Bacamarte. E eles ficaram lá e eu vim. Eu já tinha um irmão aqui, chamado Pedro.

B.H. – O que eles faziam lá?

P.A. – Lá, eu trabalhava na lavoura. O meu pai, por acaso, ele tinha esse negócio de... Lá, nós chamamos de machã², matador de porco. E o meu pai vivia com isso. Mas nós trabalhávamos na lavoura. Meu pai tinha até um porte bom, de roçado³ grande. Mas tudo de serviço braçal. E o meu irmão veio para cá no final de 1951, para o Rio de Janeiro. Ele chamava-se Pedro Firmino de Aguiar, por aí... Ele era mais velho do que eu uns sete ou nove anos, não lembro bem.

B.H. – Quantos irmãos eram ao todo?

P.A. – Criado mesmo, que eu me lembro... Porque o meu irmão mais velho da turma morreu quando ia fazer 18 anos, nesse lugar chamado Vermelho, município de Ingá. Mas criado mesmo, que eu conheço, foram sete irmãs e eu e Pedro de homem, dois irmãos. Foram nove criados. Até que minha irmã que era mais velha do eu, acho que uns quatro anos, quando eu estava aqui, no mesmo ano que o Getúlio faleceu, não sei o que é que houve que... Parece que foi no começo de... No mesmo ano em que o Getúlio morreu, ela se enforcou, antes do Getúlio morrer. Não lembro a data do dia.

B.H. – Getúlio se suicidou em 1954.

P.A. – É, em 1954. Eu cheguei no Rio de Janeiro no final de 1953 e em 1954 ela faleceu, antes do Getúlio falecer. Mas foi no mesmo mês de abril.

B.H. – O senhor nasceu em 1934, não é isso?

P.A. – É, em 1934.

B.H. – E decidiu sair da Paraíba e veio para o Rio com 19 anos então.

² O mais próximo do que foi possível ouvir.

³ O mais próximo do que foi possível ouvir.

P.A. – É, com 19 anos. Exato. Porque a minha idade... Eu ia fazer 17 anos, mas por causa de um documento adiantado, eu vim com⁴ 19 anos.

B.H. – E o que você lembra da vida lá?

P.A. – Lá onde eu nasci e me criei? Eu lembro que, nesse lugar de Ingá do Bacamarte, eu trabalhava na lavoura e só no final de semana é que nós íamos para a cidade. Quando tinha aquelas festinhas, se ia, aquelas festinhas em um lugar chamado Riachão. E tinha uma cidade que passava o trem... Chama-se Ingá do Bacamarte porque tem... Quem está em Riachão vai e passa em Bacamarte, que é a cidade maior, que se chama Ingá do Bacamarte. Ingá foi uma cidade mais nova. Foi uma cidade que cresceu muito, Ingá. Quase ninguém fala, mas é uma cidade que cresceu muito, porque aumentaram... Vamos supor que era uma rua igual à Avenida Rio Branco fosse aqui embaixo, no Bom Pastor. Chamava-se a rua Aberta. Depois cresceu para cá, para cima, onde tem a matriz... Eu não sei qual é o santo, mas conheci muito, estive muito nessa igreja. Mas Ingá do Bacamarte foi uma cidade que desenvolveu muito. A prefeitura era boa, está entendendo? E eu lembro que lá em Ingá do Bacamarte, quando estava [inaudível] na prefeitura, foi quando já criou hospitais, criou maternidade. Naquele tempo, o pessoal ganhava filho em casa, mas já em Ingá do Bacamarte já foi... Eu lembro disso, que todo mundo elogiava o prefeito. Diziam que era do tempo do Getúlio. Ele fez maternidade, fez o hospital. Só não tinha aquele negócio de pronto-socorro e essa coisa. Mas eu lembro disso bem, que Ingá do Bacamarte desenvolveu bem. Mas naquela época não tinha automóvel na cidade. Só aqueles carros de grande porte, comprador de algodão e coisa. Inclusive, os caminhões vinham de fora. Aí teve uma família Dibilu⁵ que foi o primeiro cara a comprar caminhões lá, passou a comprar caminhão. E o único táxi que tinha na cidade, nessa época que eu me entendo, chamava-se Joquinha. Era um camarada que tinha lá um carro chamado, naquela época, Fubica. Até meu pai, às vezes, quando estava chovendo muito, porque ele vinha de lá do trato⁶ de gado e vinham duas ou três pessoas, vinha nesse carro dele. Porque tinha uma pista velha que ia para Campina Grande que passava lá. Vinha de João Pessoa para Campina Grande. Depois é que fizeram uma estrada de porte melhor, toda asfaltada, de alta velocidade que passava em Riachão. Essa em Riachão passava... Quem vai em direção a João Pessoa, tem um cruzamento que chama-se

⁴ O mais próximo do que foi possível ouvir.

⁵ O mais próximo do que foi possível ouvir.

⁶ O mais próximo do que foi possível ouvir.

cidade de Serra Redonda, e ali entra no cruzamento. É até da família Dibilu. Tem o Hotel Cruzeiro. Esse Hotel Cruzeiro é muito falado nessa pista, depois de Riachão. Aí entra à direita e vai para...passa em Vargem Nova e segue para Ingá do Bacamarte. Essa pista que eu morei, quando eu vim aqui para o Rio, ficou só aquele acesso daqueles fazendeiros e essa coisa. Vai ter um cruzamento lá em um lugar chamado Barreto, e essa pista passou por fora e morreu aquele trecho ali. É a mesma coisa... É como a estrada de ferro às vezes, porque aquele pedaço morreu e o outro ainda tem um trequinho.

B.H. – E você trabalhava em lavoura de quê? Era plantação...?

P.A. – Era plantação de milho, feijão, algodão. O forte de lá de Ingá do Bacamarte é algodão, mesmo. O algodão é o que manda mesmo na área lá. Mas todo mundo trabalha milho, feijão, algodão, abóbora, melancia, melão...

B.H. – Dentro de uma fazenda? Dentro de uma outra propriedade? Ou você tinha uma...?

P.A. – Não, era propriedade mesmo. O meu pai produzia aquela...

B.H. – Do seu pai.

P.A. – Pagava o que se chamava... Aquela renda por ano. Pagava... Até eu me lembro, na época, ele pagava 200 reais por ano, naquela época. Mas nós tínhamos dois cavalos, uma vaca, e pelo roçado e tal, por aquilo ali tudo, ele pagava 200 reais, naquela época. Eram 200 mil-réis naquele...

B.H. – Então era uma fazenda do seu pai. Pertencia ao seu pai.

P.A. – A fazenda? Não. Era arrendado.

B.H. – Era arrendada.

P.A. – Era arrendado aquele trecho.

B.H. – E essas festas nessas cidades, quais eram as cidades?

P.A. – As festas que nós íamos eram em Riachão, Bacamarte...

B.H. – Campina Grande não?

P.A. – Não. Campina Grande ficava longe. Eu só fui lá mesmo para tirar documento. Foi quando eu conheci Campina Grande. Eu fui duas vezes lá: uma vez eu fui tirar documento e depois fui para receber a carteira, porque não recebia na hora a carteira profissional, e me alistar. Eu lembro que estive duas vezes só, e aí nunca mais estive em Campina Grande. Fui para o Rio de Janeiro e não voltei mais.

B.H. – E João Pessoa, conheceu?

P.A. – Não conheci João Pessoa.

B.H. – Foi direto da sua cidade para o Rio?

P.A. – Direto para o Rio.

B.H. – E você que decidiu? Como é que foi essa ida?

P.A. – Não, porque eu tinha uma família lá que era de uns tios meus que os filhos já estavam todos aqui, e aí o meu irmão veio, o Pedro, no começo de 1951. Aí, ele estava aqui e ele esteve lá no final de 1952 e aí veio embora, e em seguida, já no final de 1953, eu vim. Porque ele estava aqui no Rio. Até eu lembro a rua: Bulhões de Carvalho. Ele estava na rua Bulhões de Carvalho, esquina ali com Gomes Carneiro e Francisco Sá. Aí eu fui para lá direto.

B.H. – E ele trabalhava em quê?

P.A. – Trabalhava em obra. E eu vim trabalhar em obra. Ele era **[inaudível]** carpinteiro, e eu fiquei lá com ele. Primeiro o meu serviço foi trabalhar de ajudante, ali na rua Sá Ferreira, e da rua Sá Ferreira... O camarada que ele trabalhava com ele era um empreiteiro de construção, só

via⁷ ferro e forma – chamava-se José do Nascimento Avello⁸ –, e eu então fui trabalhar de carpinteiro. Mas, mesmo em obra, tem aquele... A gente não sabe, mas a gente... E eu desenvolvi muito, porque eu, com um ano de serviço, eu já passei a ser encarregado de carpinteiro. Eu fazia os prédios.

B.H. – Com 19 anos, então, você foi para o Rio...

P.A. – Eu fui para o Rio.

B.H. – ...decidiu ir para o Rio, trabalhava em construção, em carpintaria também. Mas como é que foi...? Foi um choque muito grande, morar no campo, trabalhar na lavoura e de repente viver na capital do Brasil?

P.A. – A gente tem que se adaptar a muita coisa: atravessar a rua e coisa. Mas o meu irmão já estava mais adaptado às coisas. A gente não sabia o que era esse sinal, que em São Paulo chamam de farol, o sinal vermelho... Aí tive que aprender aquilo tudo, essa coisa. Eu nunca tinha ido ao cinema. Então a gente... [riso] E eu sei que... Então, com um ano de trabalho, aí eu já comecei a tomar conta [inaudível], então já passei a ter um porte melhor dentro da obra. Porque eu trabalhava só na [inaudível], mas trabalhava muito. Mas aí eu já tinha oito ou dez pessoas que eu comandava. Porque eu fazia só a parte de carpinteiro, só a parte de forma. Mas aí eu fui daquele cara de começar a obra no chão, a marcação da obra – logo em seguida eu já aprendi a marcar aquilo tudo –, pegar no chão e suspender o prédio. Podia ser uma casa baixa como um prédio de 20 andares. Os últimos prédios que eu fiz, eu já estava como empreiteiro, foi na São Clemente, 185. Porque aqueles prédios são do Grupo Jamyr Vasconcelos, mas eu tinha um contrato com a Comasa, a construtora Comasa, que naquele tempo era sociedade anônima – depois eles mudaram, porque os velhos... encostaram com ele e ficou para os filhos e agora ela é Comasa Construtora Ltda. Mas os últimos prédios que eu fiz deles foram aqueles lá. Mas eu fiz muita obra no Rio de Janeiro: no Recreio dos Bandeirantes e tal. Mas quando eu comecei a trabalhar por minha conta, eu já tinha vindo de Brasília.

B.H. – Então vamos... Ali ainda no iníciozinho, onde você morou quando você foi para o Rio? Em que lugar você morou?

⁷ O mais próximo do que foi possível ouvir.

⁸ O mais próximo do que foi possível ouvir.

P.A. – No começo mesmo, eu morava na obra. Fui morar na Bulhões de Carvalho. A primeira obra que eu comecei a morar lá foi na Bulhões de Carvalho, onde o meu irmão trabalhava. Trabalhei, nessa feita⁹, parece que um mês ou dois, mas aí vim trabalhar na Praia do Flamengo, 392. Aí, da Praia do Flamengo... Aí, lá, eu dormia mesmo na obra. **[Inaudível]** um prédio de dois ou três andares, em frente àquele índio¹⁰. E dali, eu sempre dormindo na obra. Aí vim para um trabalho perto do Maracanã, na Praça General Portinho, e dali... Aí esse camarada tinha um irmão que morava na Presidente Vargas, esse que eu trabalhava com ele, e ele tinha morado lá, e ele foi morar no Leblon e o irmão dele ficou lá morando, porque ele alugou a casa lá para outro, porque a casa, parece que não era dele. Eu lembro, ele chamava-se sr. Paulino¹¹. E o irmão dele que morava, chamava-se Joaquim. Ele disse: “Não, Paulo, eu tenho um quarto de vaga, eu vou arranjar para vocês”. Aí eu fui morar lá, eu e o Pedro, meu irmão. Nós moramos na Presidente Vargas 2.747. Era quase esquina com a rua Carmo Neto ali. A rua Carmo Neto, na esquina, de um lado tinha um bar, que era o restaurante **[inaudível]**, um restaurante bom, o pessoal usava aquele jaleco branco e gravatinha preta, e do outro lado era uma casa de material de construção, e a nossa casa ficava ali. Na época de bonde ainda. Eu canso de... Naquela época, eu já estava namorando. Eu saltava do bonde, às vezes, de noite, na frente de casa. Saltava e entrava ali. Aí fiquei ali até me casar. Fiquei morando na Presidente Vargas até me casar. Mas naquele tempo era a Presidente Vargas, não é? Depois é que começou a vir aquelas pontes, a Ponte dos Marinheiros, começou a demolição da Presidente Vargas. Porque ninguém conhece. Por exemplo, a General Canabarro, não existia aquela rua. Você ia lá no Maracanã, era uma linha de bonde. Acabou aquilo também. Mas dali então...

B.H. – Então, o senhor casou quando, o senhor lembra?

P.A. – Lembro sim. Nós vamos chegar lá, no negócio do meu namoro. Aí eu estava morando na Presidente Vargas e estava fazendo obra na Joaquim Nabuco, 258. Aí um dia, eu saindo de lá com um rapaz que trabalhava lá de pedreiro... Ele estava namorando com a irmã da minha mulher. [riso] É uma história, rapaz! Aí eu vinha com ele, **[inaudível]**. Aí, na esquina da... na Praça General Osório, aí encontramos ela. O rapaz já estava namorando a irmã dela. Encontrei a Aparecida. Por acaso, parece mentira, a irmã dela mais velha está até com a gente aqui hoje.

⁹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

¹⁰ O entrevistado provavelmente refere-se à estátua do último Imperador Azteca localizada na região da atual Praça Cuauhtémoc, na confluência da Praia do Flamengo e das Avenidas Osvaldo Cruz e Rui Barbosa.

¹¹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Encontramos as três lá. A Aparecida, a minha mulher, era novinha. Na época, era a mais nova da turma.

B.H. – Ela é do Rio?

P.A. – Não, é de Minas.

B.H. – É de Minas.

P.A. – É daqui de perto de Ponte Nova, de uma cidade chamada Acaiaca. Isso já pertinho de eu ir para Brasília. Aí ficamos nos conhecendo, marcamos um encontro e ficamos namorando. Mas aí o pai dela passou mal e ela teve que viajar – foi um dia de sexta-feira, eu não esqueço disso, dia 19 de novembro de 1959. E o português que eu trabalhava com ele já tinha montado uma Empresa Técnica de Engenharia e Construções – eu trabalhava para ele, fazia as obras de empreitada, porque eram terceirizadas – e ele já tinha me avisado: “Paulo, você vai para Brasília na segunda-feira, dia 22”. **[inaudível]** [riso] Aí, quando foi de tarde, que a... Eu estava trabalhando na obra, parece que no sétimo ou no oitavo andar, aí a irmã da Aparecida fez sinal de que queria falar com a gente lá fora. Aí, quando eu cheguei lá, aí ela disse que ia viajar porque o pai delas estava passando mal. Aí viajaram no dia de sexta-feira, dia 19 de novembro de 1959. E eu viajei para Brasília na segunda-feira, dia 22, lá do aeroporto Santos Dumont. Aí é uma história longa, mas aí eu fiquei sem contato com ela. Porque o endereço que ela me deu, eu mandei uma carta para ela e não consegui contato com ela. Aí, quando foi... não sei se foi no mês de junho ou julho... acho que foi no mês de outubro, eu dei uma viagem no Rio. Mas aí, rapaz, aquilo passou, porque... Depois de acontecer aquele... Aí eu liguei para ela. Ela nem lembrava de mim mais. [riso] Aí eu disse: “Mas por quê? Você casou? Você está namorando?”. Por acaso, ela estava na mesma casa que ela trabalhou, que eu conheci ela. Aí eu fui lá encontrar com ela e tal, tomamos uns guaranás e coisa. Eu sei que eu fiquei uns cinco dias no Rio e voltei para Brasília. Mas aí nós já ficamos em contato. Acabei a obra lá e vim e aí ficamos... Fui lá fazer uma visita à família dela, no final do ano, mas eu tive que voltar a Brasília para fazer a segunda obra, outra obra que nós tínhamos lá. Essa já foi na Quadra 307, que era os blocos dos senadores. Esse já foi um prédio alto. Aí, quando eu voltei de lá... Porque eu fiquei mais uns seis meses ou oito meses lá. Eu vim de lá quase no final de 1961. Em 1960, na inauguração, eu estava lá. Nossa Senhora!

B.H. – Há quase exatos 50 anos.

P.A. – É. E eu lembro bem que teve uma festa que eu fiquei perto do Juscelino Kubitschek, até no Eixo Rodoviário, que é aquele eixo central de Brasília, onde tem aquela ponte. Porque na época estava chovendo “pra chuchu” e o helicóptero dele desceu em cima, porque a ponte já estava funcionando, e o discurso dele foi embaixo. Eu lembro disso, ele falando em francês e essas coisas, com o presidente Eisenhower, quando ele esteve aí.

B.H. – Dos Estados Unidos, não é?

P.A. – É. E eu estava perto deles, assim. Foi uma coisa que... Quando eu falo no nome do Juscelino, eu me emociono. [emoção]

B.H. – Emociona, não é?

P.A. – Olha, foi um dos presidentes que... Não merecia morrer como morreu. Mas eu concordo, para a minha... A morte dele foi um acidente, mesmo. E eu esqueci de falar com você que na primeira obra que eu trabalhei, eu tive o prazer de abraçar ele. Porque ele chegou um dia, o helicóptero dele desceu ali naquela quadra... Chamava até... Tinha um prediozinho do [inaudível]. Chamava-se a Escola Técnica. Inclusive o meu filho, quando morou em Brasília agora, o Alexandre, que está lá em Campinas, morava ali na quadra... Eu esqueço o nome do bloco. Era pertinho de onde nós trabalhávamos. Só que os blocos que nós fizemos eram blocos de quatro andares e lá o dele era de sete. Mas é pertinho. Tinha essa que se chamava Escola Técnica, e o Juscelino parou ali, porque naquele lugar não estava construído ali. O helicóptero dele desceu ali e ele foi para a Escola Técnica ali. Aí todos... Chamava-se candango, não é? Todos aqueles candangos ali fizeram uma fila por mais de duas horas. Todo mundo de toda construtora foi lá abraçá-lo. Ele abraçava um por um. A pessoa suja de barro do jeito que estava, ele abraçou um por um. Depois ele entrou naquele helicóptero, só ele e o tenente aviador. Agora, ele se benzia todinho. Ele era muito religioso. Aí foi embora. De outra vez, ele parou lá também, e a mesma coisa. Foram duas vezes que eu tive o prazer de abraçar o Juscelino.

V.B. – Com o senhor ainda no Rio, como que surgiu a possibilidade de o senhor ir trabalhar em Brasília? O senhor recebeu um convite? Ou trabalhava para uma construtora que ia...?

P.A. – Foi porque esse português que eu trabalhava com ele, ele tinha um grande conhecimento... Naquele tempo, chamavam de IAPI. E ele tinha um conhecimento, porque o cara que fazia a contabilidade dele, o cara que fazia o imposto de renda dele era um fiscal do... Chamava-se IAPI naquele tempo. Porque naquele tempo tinha IAPI, IAPC, IAPB¹². Inclusive tem esse prédio em Jacarepaguá ainda. E ele era um grande fiscal do IAPI e ele fazia a contabilidade dele. Eu lembro que quando chegava no final de ano, ele ficava lá no escritório do... Ele se chamava dr. Castilho. Era uma empresa de dois irmãos. Parece que tinha sido dos pais deles. Chamava-se Empresa Técnica de Engenharia e Construções Ltda. Então, essa empresa foi que... Naquela época, parece que houve uma concorrência. Então, eu lembro bem que [inaudível] umas quatro ou cinco firmas – eu não lembro o nome delas todas. Sei que foi a Empresa Técnica... Cada uma tinha que fazer quatro blocos. Olha só: eram quatro blocos e tinha o prazo... Eu não lembro qual era o prazo total para eles darem aqueles blocos de apartamentos, mas cada uma tinha que dar, com 60 dias, pronto. O primeiro bloco, tinha que dar pronto... Ele entregue, com o passeio pronto, com os tubos, com ligação para ligar no Corpo de Bombeiros tudo pronto, com [inaudível] tudo pronto. Então, eu lembro que foi a Construtora Castilho; Simplex; Construtora Eso¹³ Engenharia Ltda.; Construtora Oxford, que ainda existe no Rio até hoje; e teve mais outra que eu não lembro bem. Foram essas quatro para lá. Então, na época, quando a Construtora Castilho... A Empresa Técnica chamou o português que eu trabalhava há muito tempo para ele, aí ele me convidou. Ele disse assim: “Paulo, você vai para lá”. E fui eu e o mestre de obras. Eu era o encarregado de carpinteiro e foi mais outro, o mestre de obras, e mais outro encarregado de carpinteiro comigo. Porque nós tínhamos que fazer aquele grupo e chegar lá e “mandar brasa”, porque com 60 dias... A gente diz isso aqui e o pessoal acha que é mentira. Olha o tamanho daqueles blocos: tinha 80 metros de 5¹⁴ por 12, e 25 de testa¹⁵. Então, um bloco daqueles tinha três andares... Eram quatro andares, só que a última laje era de alvenaria. Três andares estruturados. Mas lá já estava estaqueado. Estava estaqueado só no mato mesmo. Só as estacas. Naquele tempo, chamavam de candango porque... chamavam de “candango-tatu” porque eles furavam... O terreno era bom, eles furavam ali aquele terreno. Era um terreno que nunca foi mexido nem nada. Eles furavam aquilo e botavam ali um cavalete ali em cima e iam tirando aquelas latas de barro e descendo até o nível necessário, aonde chegava a sondagem, e ali embaixo, faziam a sapata lá embaixo e suspendiam aqueles tubos até em cima.

¹² Todas estas são siglas referentes ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, criado durante o Estado Novo.

¹³ O mais próximo do que foi possível ouvir.

¹⁴ O mais próximo do que foi possível ouvir.

¹⁵ O mais próximo do que foi possível ouvir.

[Inaudível] madeira, suspendia aqueles tubos até em cima. E ali iam nascendo os pilares, ali. Então nós pegamos isso estaqueado, para fazer esse prédio com 60 dias. E nós demos... A nossa construtora... Das quatro ou cinco empresas que foram nessa época, eu lembro bem que a nossa, uns quatro ou cinco dias antes, deu um churrasco de dois dias lá, essa Empresa Técnica de Representação e Engenharia Ltda. Então, na época, eu lembro da Construtora Eso Engenharia; Oxford; Simplex; e tinha mais outras. Parece que a Riviera Engenharia também. Mas a Empresa Técnica bateu o recorde: ela deu o prédio dentro... O total dos outros blocos, eles deram, me parece, dois meses antes do prazo, tudo.

B.H. – Paulo, ainda vendo Brasília lá do Rio, o que se falava na época sobre Brasília? Porque iria virar capital, iria tirar o lugar do Rio de Janeiro. Como é que isso era visto pelas pessoas de uma forma geral?

P.A. – Olha, isso... Havia muito comentário, porque o pessoal não acreditava. Quando eu cheguei em Brasília e vi aquilo, o desenvolvimento de Brasília, aquele pessoal trabalhando naquele... Você passava onde tem aquele setor que tem aquelas lojas, aquele setor que tem aquelas pistas de lojas, que cruza, por exemplo... dali da W3, que corta o Eixo Central, ali... Você passava em um terreno daqueles hoje – vamos supor, no domingo, que era o dia que nós não trabalhávamos... Nós só tínhamos folga no domingo. Depois de duas horas, parava e nós dávamos um pulo na Cidade Livre¹⁶, que era uma cidade que tinha. Aí aqueles táxis funcionavam ali dentro, só para pegar o pessoal mesmo, aqueles candangos, porque os ônibus eram poucos. Então, vinham aqueles táxis. Mas quase todo mundo ia de táxi para a Cidade Livre. Dois ou três pagavam e a passagem ficava barata. E nós tínhamos aquele tempo para ir para lá. Então, havia muito comentário: “Ah, mas não vai ficar pronta”. Mas você passava numa loja daquelas que estava começando hoje, e oito dias depois, você passava lá, o cara já estava fazendo o andar de cima, e embaixo já estava inaugurada uma loja de roupa, ou um boteco, ou um restaurante, alguma coisa. Tanto que inclusive o prédio da Caixa Econômica foi feito na W3 e o dos Correios foi feito nesse porte. Eu lembro que eu passei lá e estava dizendo que ia ser a Caixa Econômica ali, e 15 dias depois, quando eu passei lá, já estava o primeiro andar funcionando. O prédio dos Correios, a mesma coisa. Foi onde eu conheci os Correios de lá de Brasília, que foi o primeiro prédio instalado na W3, e a Caixa Econômica. A W3 é aquela outra, paralela ao Eixo, atrás. É uma vista muito bonita. É muito bonito.

¹⁶ A Cidade Livre é atualmente a cidade de Núcleo Bandeirante.

B.H. – Então muita gente não acreditava.

P.A. – Muita gente não acreditava. Inclusive, eu estive perto do Adhemar de Barros, porque ele foi... Na época, ele foi candidato a presidente da República também. Foi na época que eu tinha vindo aqui no Rio. Quando voltei para Brasília – e o aeroporto lá era... Naquele tempo, logo fizeram aquelas pistas duplas e podia aterrissar um avião atrás do outro, porque naquele tempo não tinha tanto trânsito, e eu lembro que o avião do Adhemar de Barros parou na frente e o nosso parou atrás e ele saiu cumprimentando todo mundo, e eu até falei com ele também, com o Adhemar de Barros. Era a época em que ele foi candidato para ser um assessor¹⁷ do Juscelino. Não ganhou. Inclusive, eu fiquei triste, porque o marechal Teixeira Lott não ganhou, que seria o representado pelo Juscelino.

B.H. – O vice, não é?

P.A. – Naquela época, ele ficou... Porque ele era o ministro da Guerra, e quando houve aquela confusão do Café Filho – porque disseram que o Café Filho quis dar o golpe, antes de o Juscelino ser presidente –, ele botou o estado de sítio. Aí surgiu uma conversa... disseram que quem ganhasse não ia tomar posse, e ele disse... Eu estava nesse comício na Central quando ele disse assim... Ele era ministro da Guerra e disse assim: “Aquele que tomar posse irá assumir o governo, eu garanto”. Estávamos no estado de sítio naquela época. E a campanha do Juscelino foi assim: muito rápido. E o pessoal falava: “Juscelino! Juscelino!”. O primeiro meu voto foi para ele.

B.H. – E o senhor ia aos comícios? O senhor frequentava os comícios?

P.A. – Eu acompanhei muitos comícios do Juscelino e depois acompanhei aqueles comícios para quando ele foi sair. Eu acompanhei do Jânio Quadros também. O Jânio Quadros... Aí eu já tinha vindo de Brasília e estava fazendo obra na Mariz e Barros, perto da Praça da Bandeira, e teve um comício de Jânio Quadros que... O Luiz Gonzaga fazia a campanha dele, e o Jânio Quadros parou na nossa... Ele pediu lá para fazerem um palanque em frente à nossa obra, porque era uma obra grande, ali na Praça da Bandeira, na rua Mariz e Barros, e fizeram o

¹⁷ O entrevistado provavelmente quis dizer “sucessor”.

palanque dele ali. Aí o Jânio Quadros esteve, assim, pertinho da gente. Naquela época, ele era candidato a presidente da República e o Luiz Gonzaga fazendo a campanha, com aquela sanfona dele, cantando e tocando ali. O Luiz Gonzaga fez essa campanha do Jânio Quadros.

B.H. – Eu não sabia.

P.A. – Fez. O Luiz Gonzaga fez a campanha do Jânio Quadros. Não lembro a data do dia. São coisas que a gente esquece. Foi perto da Praça da Bandeira, na rua Mariz e Barros. Nós fazíamos uma obra ali, que era até da construtora de um português – era J. Patrício, o nome da construtora. E eu estava lá. Eu fui o encarregado dessa obra. E eles pediram para fazer um palanque ali na frente, e eu lembro isso, que eu estive pertinho do Jânio Quadros. Ele esteve assim, fazendo aquela campanha. O Jânio Quadros tinha um problema, porque ele começava a falar e daqui a pouco ele parava e ficava assim [o entrevistado faz um som de ronco] e aí começava a falar de novo. Mas o Jânio Quadros foi um dos grandes governadores de São Paulo e o pessoal falava muito nele. Tanto que quando ele foi candidato a presidente da República, ganhou disparado. Ninguém sabe da história dele até hoje, por que ele largou. O pessoal diz que era porque ele bebia. Acho que ele foi forçado ali. Ou ele saía ou morria. Porque ele entrou de sola. Quando ele entrou, você vê que até os perus, porque cantavam muito... Saiu no jornal que ele mandou tirar os perus de lá porque não queria ver os perus cantando, fazendo barulho àquela hora. [riso] Mas foi um cara que quando entrou, parece que dois dias depois ele botou aquele negócio no rádio... Toda rádio... Começava o Brasil a se comunicar de ponta a ponta, do horário de sete às oito horas, pela rádio. Chamava-se a *Hora do Brasil*. Todo mundo escutava a *Hora do Brasil*. E não tinha isso na época. Então, ele entrou num dia e dois dias depois, ou foi no outro dia, já teve isso aí. Comunicava tudo que se passava na Presidência da República. Então, era para falar do... De sete às oito da noite. Quer dizer, são histórias que eu lembro. Todo mundo ficava bobo: “Não, o Jânio Quadros...”.

B.H. – Começou com ele?

P.A. – É.

B.H. – Voltando então à decisão de ir para Brasília, quando você foi, foi em 1959.

P.A. – Em 1959.

B.H. – E você foi só? Ou foi um grupo?

P.A. – Ah, foi um grupo. Foi o mestre de obras, que era o mestre da... o meu patrão, o José da Silva Avello¹⁸, que era um português terceirizado que era empreiteiro, que fazia a parte de forma da Empresa Técnica, e tinha o mestre de obras que era da Empresa Técnica, e foram os empregados dele. Da nossa turma, me parece que foram 12 homens na época. Depois nós [inaudível] lá. Naquela época, até parece mentira, mas não tinha problema de gente em Brasília, porque botava um anúncio e aparecia gente *pra* caramba. Então, eu cheguei a trabalhar lá na...

B.H. – As pessoas achavam que era um bom negócio ir para lá?

P.A. – É. Inclusive, todas aquelas casas de comércio, o pessoal que... Tinha o que se chamava a Cidade Livre, que era a cidade que se conhecia, e ninguém pagava imposto, até o Jânio Quadros entrar. O Jânio Quadros entrou num dia e, no outro dia, todo mundo passou a pagar impostos [riso]. Essa Cidade Livre ligou com Brasília. Luziânia, que era uma cidade que tinha um... Não sei quantos quilômetros é abaixo de Brasília. Está tudo ligado: Anápolis está ligada a Brasília... Ali tem outra cidade que desce 100 quilômetros de Brasília – inclusive tem um sobrinho dela que faleceu lá há uns três ou quatro anos atrás –, chama-se... Quando a gente vem de Brasília para cá de ônibus...

B.H. – É uma cidade-satélite? Ou não?

P.A. – Não. Aparecida, qual o lugar que o Maurício estava morando por último? Ontem eu estava lembrado disso. Quem vem de Brasília para cá de ônibus agora... Porque no ano de 2003 eu estive uns seis meses morando lá, e a gente vem e é um saco, aquele ônibus ali... É só aquele negócio de redução de velocidade. De três em três quilômetros tem um daquilo, então, o ônibus não anda. Eu estou quase lembrando. É o lugar que o Maurício... É um sobrinho dela que morava lá e faleceu de repente. Até eles têm dúvida, dizem que foi a mulher que matou ele.

B.H. – Você falou em ônibus, mas vocês foram de avião.

¹⁸ O mais próximo do que foi possível ouvir.

P.A. – A primeira vez, fomos de avião. A empresa chamava-se o Lloyd Aéreo Brasileiro. O Lloyd Aéreo Brasileiro, eu fui com ele. Depois, na segunda obra, já que aquilo fazia um barulho muito grande, aqueles aviões, nós já fomos pela Panair do Brasil. Na segunda obra, nós fomos pela Panair do Brasil e viemos pela Panair do Brasil. Na Panair do Brasil, eu dei três ou quatro viagens, me parece, indo para lá e voltando, na época. E na Lloyd Aéreo Brasileiro, eu fui só a primeira vez. E depois, vim a passeio, mas quando voltei, já foi na Panair. A Panair era um avião de porte, melhor, mais gostoso e essa coisa. Inclusive, tinha aeromoça lá dentro. E no Lloyd Aéreo Brasileiro, os funcionários eram homens. [riso]

B.H. – Não era tão bom, não é?

P.A. – Inclusive... Agora os aviões quase não fazem barulho, mas naquela época tinha um algodão para botar no ouvido, para não escutar aquele barulho. E eu lembro que tinha um cara que foi com a gente que quando o funcionário passou e deu aquele algodão, aí o cara comeu o algodão. [risos] Aí o português lá, o mestre de obras, disse: “Mas isso é para botar no ouvido, por causa do barulho”. E ele: “Eu já comi”. Ele disse que pensou que era para enjoar. Para você ver como era a coisa. Era um pessoal da roça mesmo, não é?

B.H. – Você não tinha medo não?¹⁹

P.A. – Aí o pessoal não acreditava. Aí, quando eu voltei para o Rio e conversava com aquele pessoal amigo nosso, eu dizia: “Olha, Brasília está pronta para receber... Vai mudar mesmo”. Eu sei que, Nossa Senhora, no dia da inauguração de Brasília, eu estava em Brasília e nós fomos até lá perto do... Porque não podia chegar lá perto porque... Nós fomos no caminhão da firma e no jipe que tinha lá na firma e ficamos a uma certa distância, e só se via aqueles caminhões chegarem e aqueles carros velhos. “Esse carro ajudou a construir Brasília.” Só aquelas faixas. Era gente, Polícia Militar, a Aeronáutica, o Exército... Nossa Senhora! Tudo tomado, está entendendo?

B.H. – Então, quando o senhor chegou lá, já estava... Tinham começado as obras em 1956 e o senhor chegou em 1959.

¹⁹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

P.A. – Em 1959. Ah! Já estava muito construído. Por exemplo, a Esplanada já estava construída. O que eu acompanhei bem foi a obra da catedral, porque eu sempre ia ali. Porque no final de semana, quando nós íamos para a Cidade Livre, nós íamos até o final lá do Eixo, para passar em frente lá ao palácio para a gente ver as obras do palácio. Então, o que eu acompanhei bem foi a obra do Banco Central. Porque foi tudo na mesma época, a Catedral de Brasília, de Nossa Senhora Aparecida, e o Banco Central do Brasil, que começou também ali. E o primeiro auditório de música, aquele Teatro Nacional que tem depois do Eixo Rodoviário. Passa pelo Eixo Rodoviário, quem vira para... onde tem a estátua do JK, passa por debaixo e vai para lá.

B.H. – O senhor tem ideia de quantas pessoas estavam lá como trabalhadores, na construção, quando o senhor chegou lá?

P.A. – Olha, eu não tenho essa ideia, mas...

B.H. – Mas era muita gente?

P.A. – Era muita gente. Era muita gente mesmo. Olha, para você ver, todas as construtoras tinham caminhão. Fora os caminhões que levaram do Rio. Cada construtora levou um caminhão ou dois, e lá eles tinham os caminhões alugados para trabalhar. Porque não era brincadeira! Tinha que tirar aquele entulho. Toda hora tinha que tirar entulho, para deixar o terreno em volta pronto, com o passeio. E ali, aqueles caminhões, no final de semana, iam levar aquele pessoal para... Porque não tinha ônibus que desse para tudo. Tinha pouco ônibus, quando chovia²⁰, mas as construtoras mandavam aqueles caminhões e ia aquela candangada. Ia todo mundo em cima do caminhão para a Cidade Livre. Mas não tenho uma ideia de quantas pessoas podia ter. Se fosse mais perto, na época, eu podia ter uma ideia de quantos eram. Mas não tenho essa ideia, não.

B.H. – E de onde eles vinham?

P.A. – Era muita gente de Belém do Pará; da Paraíba; do Ceará, de Fortaleza. Então, esse pessoal. Mais o pessoal nordestino mesmo: de Salvador... O pessoal nordestino mesmo é que construiu Brasília.

²⁰ O mais próximo do que foi possível ouvir.

B.H. – E em relação às condições de trabalho que o senhor tinha no Rio, como era lá em Brasília?

P.A. – Ah, lá nós tínhamos outro porte, porque lá se ganhava mais. Mas tinha que trabalhar, porque tinha que trabalhar sábado e domingo. Só aquela turma que gostava de tomar um gole no final de semana que às vezes perdia um dia ou dois. Eu mesmo fui um dos que nunca perdi um dia de serviço. Quer dizer, havia uma diferença, porque o que o cara ganhava no Rio, lá naquela construção de Brasília, a pessoa ganhava três vezes o valor. De um mês, ganhava três vezes ou mais do que ganhava no Rio.

V.B. – Mas o senhor chegava a trabalhar quantas horas por dia?

P.A. – Lá, nós trabalhávamos de seis... ao meio-dia tinha o intervalo do almoço, depois ia até às duas horas, tomava um café, e depois até seis horas. Às seis horas, descansava mais uma hora e ia até a meia-noite. Isso todos os dias.

V.B. – Todos os dias?

P.A. – Todos os dias. E às seis horas estava no batente de novo.

B.H. – E qual era a sua função específica?

P.A. – A minha função, na época, eu era encarregado de carpinteiro. Depois que eu vim do Rio pra cá [fui para o Rio], depois eu tive um convite de um cara... Eu continuava encarregado. Aí tive um convite de um cara para trabalhar de empreitada, registrar uma firma – o cara tinha já uma firma registrada –, para eu entrar de sócio com ele. Mas depois que eu vi que ele tinha dois ou três irmãos... Mas ainda cheguei a trabalhar uns dois ou três anos com ele. Até foi naquela época em que eu fui fazer aqueles blocos lá da estrada de ferro, ali no Engenho de Dentro. Ali, inclusive, era tudo... Já no governo militar. Era tudo tocado pelos militares. Cada construtora tinha sempre um coronel no meio. E a gente estava trabalhando naquilo ali. Mas eu vi que ele tinha três irmãos... Eu fiquei trabalhando com ele uns três ou quatro anos. Depois, o primeiro prédio que eu fiz foi ali em frente à estátua do Bellini, no Maracanã. Eu fiz um prédio ali que

dava frente para a Paula Mattos²¹ e a avenida Maracanã. Eu fiz um prédio ali. Se você passar lá, você vê, é um prédio de pastilha amarela, do lado do Maracanã, em frente à estátua do Bellini. Esse prédio tem pastilha... uma parte, parece que é azul, e outra, amarela. Parece que são sete ou oito andares, do lado de lá, e do lado de cá, parece que são... Na Paula Mattos, é um prédio só, mas a metade. Ele é reduzido, na Paula Mattos, para dar só três andares. Aí eu fiz essa obra. É até uma família cearense. Eu fiz com ele. Depois fizemos essas obras na construção do Engenho de Dentro. Depois, houve uma parada ali – foi na época quando saiu o João Goulart –, e eu estava fazendo outras obras com ele, mas aí eu... Essa construtora da Empresa Técnica de Engenharia, depois o cara registrou a Construtora Castilho. E eu tinha conhecimento com ele, e ele disse que ia fazer umas obras e eu cantei ele para me dar a obra de empreitada. Ele me deu e eu registrei uma firma e fiquei trabalhando até agora, no final desse governo Fernando Henrique. O Fernando Henrique quebrou todo mundo aí, não é? Então o Rio de Janeiro, ficou totalmente... Na época, agora, no final de 2000, estava quebrado, até o governo de... No governo Fernando Henrique é que acabou a construção civil. Então, eu estava sem serviço e aí vim morar aqui e parei lá.

B.H. – Mas ainda em relação a Brasília, chegou a haver muito acidente de trabalho e morte por conta da construção?

P.A. – Havia. Havia porque naquela época não se tinha o porte que se tem agora. Agora se usa o cinto de segurança; qualquer coisinha, usa... Naquela época, ninguém usava capacete. Era. Ninguém usava capacete na época. E havia sempre acidente e essa coisa. Eu até lembro... Na nossa obra, graças a Deus, eu tive só um cara lá que caiu. Foi botar um consolo... Consolo, chama-se um... Por exemplo, acabou o prédio, para aqui, isso aqui se chama balanço. Então, tem um consolo desses, porque a gente vai botar aqui uma viga para receber aquela outra e igualar. E o cara, parece que no terceiro andar, ele caiu. Mas por acaso, caiu em cima de um monte de aterro que estava ali e aí machucou pouco. E eu, na minha obra mesmo, na última obra que eu fui fazer lá, nós pegamos²² uma caixa d'água, aquela caixa d'água do IAPI... Naquela época, o pessoal usava aquela parede bruta, aquele ferro em polegada. E ali, por acaso, naquela fundação ali, caiu em cima dessa caixa d'água... Tinha o que se chamava o poço do óleo, e isso eram três metros que tinha que tirar do nível do piso para baixo, quebrar aquilo tudo para fazer aquele poço do óleo ali. E caiu em cima dessa caixa d'água e nós nos atrasamos com

²¹ O entrevistado provavelmente se refere à Avenida Paula Sousa.

²² O mais próximo do que foi possível ouvir.

a nossa obra. Então eu fiz as três torres... Naquela época, não tinha a torre tubular. Para subir o material, era tudo torre de madeira. E eu era “muito chapa” de um engenheiro que era o irmão do Castilho, chamava-se Fernando Castilho, que era engenheiro também, porque ele foi muito engenheiro de estrada de ferro, na época dele. Era um gaúcho. E ele era muito animado e eu era muito chapa dele e então nós saíamos sempre para a Cidade Livre, íamos às vezes comprar material na Cidade Livre, e nós saímos e eu deixei aquelas torres de empreitada com... Inclusive, eu tinha um irmão meu que trabalhava numa dessas. Aí eu dei aquela torre de empreitada. Eu fazia... Eu saía com ela por dois andares, já aprumadinha, e era só subir. Mas avisei para o cara lá: “Olha, manda aterrar o pé dela! Aterra o pé dela aí, para não dar...”. Cavava um metro e pouco para baixo, passava uma cinta de tábua ali e outra chapa debaixo, para nascer as pernas dela em cima. Mas tinha que aterrar aquilo para poder ela... Aí eu disse: “Vai ter que subir para a altura de seis andares”. Aí o cara tinha que subir aquela torre e, de três em três metros, aprumar ela. E ela subia feito um tubozinho. Agora, quando eu fui chegando da Cidade, porque nós fomos comprar um material lá... E esse [inaudível] gostava muito de comer um churrasco, nós fomos comer um churrasco e essa coisa toda. Quando eu estou chegando na obra e que eu vi de longe as torres, o cara estava lá em cima e a torre não estava amarrada. Rapaz, eu fiquei louco. Eu disse: “João, desce e amarra essa torre!”. Aí eu falei lá com o português para mandar buscar uns arames – estava pertinho, o vergalhão –, só para puxar para amarrar para cima. Aí tinha que emendar aquele vergalhão, ir torcendo com a mão e amarrar com a corda e o cara ir puxando lá para cima. Aí aquilo... Veio o vento antes. Aí a primeira caiu certinha em cima da... Eram três que estavam subindo. Aí a primeira, que estava mais alta, caiu em cima da outra; a outra caiu em cima da outra... Por sorte, não morreu ninguém. Mas machucou uns quatro ou cinco. Aí nós levamos para o pronto-socorro e essa coisa. Felizmente, ninguém quebrou nada. Inclusive, o meu irmão estava em uma e se machucaram. O que mais se machucou ficou uns cinco dias no seguro. Mas eu lembro. Mas de morte mesmo, perto das nossas obras, nunca aconteceu nada. Mas a gente escutava muito que...

V.B. – O senhor ouvir falar, não é?

P.A. – A gente escutava muito que, naquelas obras altas... Porque as nossas obras, as obras que nós fizemos lá, o máximo foram sete andares. Naqueles prédios altos, dizem que houve muito acidente. E eu lembro bem que teve um acidente que... Era um motorista que servia água lá para nós. Ele ia naquelas pipas e ele teve um... O caminhão dele, eu acho que ele cochilou e caiu de cima da ponte – era até uma ponte que ia ali para o aeroporto – e ele quebrou uma perna. Aí foi

lá para aquele hospital da Sarah Kubitschek, que era até um barraco de madeira na época, e quando ele chegou lá, demoraram a atender ele, e quando foram... Mas aqueles caras nem... Em vez de tratarem a perna do cara, não, cortaram a perna do cara. Aí eu lembro disso. E uns 15 dias depois, o cara chega na obra com aquela perna. O cara tinha uma tristeza, rapaz, por causa daquela perna... Um motorista novo. Mas são pequenos acidentes que a gente lembra disso. Mas acidente mesmo, de automóvel... Porque eles não podiam correr, naquela época, porque não tinha condição. Mas em obra dava muito acidente. Mas nos prédios e nas quadras em que nós trabalhamos, eu não lembro que deu muito acidente. Dava acidente, assim, mas acidente leve. Não era acidente de morrer ninguém. Eu tive essas pequenas coisas em obra que eu trabalhei.

B.H. – Mas o senhor não chegou a...

P.A. – Não, não. Não tive nada, não, graças a Deus.

B.H. – Porque algumas pessoas dizem que houve acidentes de trabalho por causa de uma certa pressa em inaugurar Brasília.

P.A. – Certo.

B.H. – Precisava ficar pronto logo, antes do final do governo.

P.A. – Exato. Então, dava esses acidentes, porque não tinha, igual eu te falei, não tinha essa... Agora, que todo mundo usa cinto de segurança, tem capacete... E às vezes o cara, por exemplo, às vezes está andando embaixo da obra e cai um tijolo lá de cima, ou cai alguma coisa na cabeça da pessoa. E agora, não, agora você tem tanta segurança na obra que não dá nem para o cara trabalhar. Você vê que o... Vai fazer um revestimento desses agora, você, além de fazer os andaimes e ter aqueles andaimes de pintor, como chamam aqueles de aço... E têm os andaimes, que nós fazíamos de madeira, para fazer o revestimento. Agora é tudo de aço. Faz aqueles andaimes tudo em aço e aquilo fica coberto com uma tela por fora. O cara fica totalmente isolado. Ele está 99%... Dificilmente acontecer alguma coisa, de o cara cair da obra. Ainda cai, por... os biscateiros que vão... Quando eu estava agora, em 2003, lá em Brasília, na casa do meu filho lá, e os caras começaram a pintar aqueles blocos – e só morava militar lá – e eu cheguei a falar com os caras, assim, disse: “Olha, rapaz...”. Um andaime à galega daqueles, vem aquelas tábuas soltas, e eu cheguei a falar com cara, na janela do nosso bloco. É um prédio de sete

andares. Eu disse: “Ô rapaz, não faz isso, não. O patrão de vocês não pode alugar um Jahu de aço aí direitinho? Porque isso aí é um perigo”. O cara com aquela tábua solta. Ele só puxava para um lado e para outro. No nosso bloco, onde o meu filho morava, não deu, mas o outro de frente... Eu nem estava em casa nesse dia, eu tinha ido para a Cidade. Aí a minha mulher viu: o cara caiu de lá. Morreu um na hora e o outro se machucou. O prédio pronto, já há não sei quanto tempo de construído. Em 2003 agora. Morreu um na hora – ela estava lá -, um pintor. E eu tinha reclamado dois ou três dias antes, com esse...

B.H. – E o senhor chegou a ver alguma coisa em relação... A relação da polícia com os trabalhadores. Se tinha abuso policial. Como é que era essa...? Porque tem...

P.A. – Foi bom lembrar disso. Eu não cheguei a ver porque... Chama-se a Polícia da Novacap²³. Mas no final de semana, quando a gente ia lá para a Cidade e então tinha aqueles forrozinhos lá e essa coisa, eu cheguei a... Até saí correndo muitas vezes, porque o pessoal falava: “A Polícia da Novacap quando vem...”. Então, se havia uma briga lá e essa coisa, então vinha aquele carro que... aquele carro da polícia com o pessoal sentado de um lado e do outro. Quando eles vinham, era sentando o pau, não queriam saber quem estava. Sentando o pau naquele... Eu cheguei a ver “nego” apanhar muito. Mas comigo mesmo, graças a Deus, nunca teve, nem no nosso grupo. Mas eu vi “nego” apanhar muito lá. Porque eles chegavam e iam batendo mesmo e... Agora, o pessoal dizia que na Cidade Livre, quase todo dia amanhecia gente enforcada, naquelas árvores lá, e diziam que era a polícia mesmo, a Polícia da Novacap. Porque se o cara, às vezes, estivesse bebendo em um bar e um policial daqueles chegasse e desse ordem de prisão nele e o cara quisesse briga, ele matava o cara. Batia mesmo. A lei da Polícia da Novacap era seca na época. Agora não, agora já tem outra educação. Mas naquela época a Polícia da Novacap era muito **[inaudível]**. E eles batiam mesmo nos candangos.

B.H. – Porque nós entrevistamos um diretor de um filme sobre a construção de Brasília e ele disse que na época teve uma construtora chamada Pacheco Fernandes...

²³ Nome fantasia de Companhia Urbanizadora da Nova Capital ([empresa estatal](#) do governo do [Distrito Federal do Brasil](#)), criada em [1956](#). Ainda hoje executa ou contrata serviços de urbanização e construção civil de interesse do Distrito Federal.

P.A. – Pacheco Fernandes.

B.H. – ...onde houve uma chacina, mesmo. Os policiais chegaram atirando e... Eles estavam em um momento de descanso, estavam bebendo, e aí teve... E isso foi acobertado. E ele um pouco filmou, mostrando que realmente teve abuso de autoridade.

P.A. – É, eu não lembro dessa construtora. Não foi na minha época, não. Já devia ter acontecido então, no caso.

B.H. – Então, o senhor chegou em 1959 e ficou até 1961.

P.A. – Até 1961.

B.H. – Então, teve a inauguração e, ainda assim, o senhor permaneceu trabalhando...

P.A. – Certo.

B.H. – Ou residindo, já depois...?

P.A. – Não, trabalhando mesmo. Só fiquei mesmo trabalhando. Quando acabou os prédios, nós viemos embora para o Rio.

B.H. – Porque mesmo depois da inauguração, continuou...

P.A. – Continuou. O ritmo de Brasília foi uma coisa fora de série. Quer dizer, caiu aquele ritmo, não foi aquele *ritmo* de... Porque aí o pessoal tinha hora para começar e tudo mais. E não parou. Brasília continuou trabalhando. Então, sempre... As obras que eram do Estado sempre tinham aquele prazo determinado para entregar. Por exemplo, na época em que eu estive em Brasília... Porque eu só voltei lá, depois de 1961, agora, em 2003. Se você vê, você se perde. As estradas são muito boas. O trânsito de Brasília é muito bom. Então, eu estava lá com a Aparecida... Então, quem conheceu Brasília na época que eu conheci e agora, que ela emenda com Luziânia, Anápolis... É Paracatu, onde aquele menino morava, não é? É Paracatu. Paracatu é a 100 quilômetros de Brasília e está praticamente emendado. A 100 quilômetros tem uma cidade chamada Paracatu. Está totalmente emendado, Brasília com aquilo ali. Porque a gente vem de lá

de Brasília para cá de ônibus e só vê cidade, cidade, cidade, até Paracatu, que é a primeira parada de ônibus. Quando a gente sai de Brasília, o primeiro lugar que eles param, para o pessoal fazer um lanche, uma coisa, é Paracatu. E quase ninguém anda de ônibus, porque aquilo tem aquele negócio de redução de velocidade de distância em distância e ninguém anda. É só... Mas foi uma cidade fantástica, Brasília, e eu gosto daquilo ali. Porque depois que a gente vê o trânsito do Rio de Janeiro e vê o trânsito de Brasília... Brasília tem os blocos de apartamentos aqui, aqui tem a pista de você andar de bicicleta e fazer caminhada, e de lado tem a pista. Então você chega num sinal daqueles, está tracejado. Se não tiver sinal e o motorista... Você veja a diferença que é: o motorista que vem de lá, ele vê você parado ali, ele para, o outro que vem de lá para e você pode atravessar tranquilo, sem ter sinal. Se eu contar para vocês... A minha mulher viu isso lá. O cachorro vem e para ali. Se ele estiver sozinho, ele para ali, e o motorista vem e para, o outro para e ele atravessa. Tem o sinal do cego, no trânsito. O cego chega ali, aquele sinal dá aquele barulhozinho, aí o cego já sabe que não tem nada e atravessa. Ele faz um barulhozinho.

B.H. – É uma cidade construída para ter um respeito mesmo [inaudível].

P.A. – É. Parece mentira. Já aqui, eu acho a diferença aqui de Juiz de Fora... Eu estive em Uberlândia também, ficamos lá uns dez meses. Em Uberlândia, o trânsito de lá também... O cara não pode botar o carro em cima do passeio e sempre a pista... Quando para-se de um lado, não bota dos dois lados. Já aqui, eles botam. Para carro dos dois lados. Lá, não, tem o lado de parar o carro. É muito bom o trânsito de Uberlândia. Mas aqui, por exemplo... Eu acho a diferença do Rio para cá o seguinte: você tem uma entrada à direita, você parou e o sinal está aqui à direita e você tem a faixa de pedestre, e se você vai entrar, você para um pouquinho para poder o pedestre entrar. Aqui, não, o cara invade. Se o pedestre for entrar, é atropelado. O cara não para, não. E quando a gente para com chapa do Rio, como eu estou acostumado a parar aqui, o cara fica buzinando atrás de você. É já a diferença do Rio para cá: na entrada à direita, ele para. Porque tem a faixa ali para o pedestre passar. Aqui, a gente para e o cara que está atrás da gente buzina. E a lei do trânsito é uma só, não é? Eu não sei por que não é respeitado.

B.H. – E o senhor esteve então no dia da inauguração de Brasília? O senhor esteve presente na cerimônia?

P.A. – Eu estava lá, sim.

B.H. – Em 21 de abril de 1960?

P.A. – Em 21 de abril, eu estava lá. Nós fomos de caminhão, passamos em frente, ficamos parados... Porque não dava para chegar bem ali na frente, nós ficamos parados ali em frente à Esplanada dos Ministérios. Aquilo foi uma coisa de louco, não é, rapaz? Depois eu quis vir para casa e não podia, tinha que esperar esvaziar o trânsito. Aí eu cheguei em casa às duas horas da tarde. Mas foi muito bonito, rapaz, você ver aqueles caminhões, aqueles jipes, todo mundo... “Esse carro ajudou a construir Brasília”, com uma faixa grande, escrito aquilo direitinho. Todo mundo... Era uma coisa muito bonita. E o que eu achei mais bonito é que o Juscelino, naquela época, as duas vezes que ele parou lá na quadra, onde tinha aquele largo, ele descia ali, só ele e o aviador dele, um tenente. E ele, quando subia para entrar no avião, ele se benzia todo e aí cumprimentava todo mundo, para poder o avião sair. Mas quando ele parava, assim, não tinha ninguém, mas... Olha, na mesma hora, o que vinha de jipe da polícia e do Exército, da Aeronáutica – não sei de onde vinha tanta gente –, para cercar o homem ali.

V.B. – Nós trouxemos uma revista que tem umas fotos da construção. O senhor quer dar uma olhada?

P.A. – Nossa Senhora! Mônica, como é que tem gente feia aqui nessa revista, Mônica! Você vai ver.

[FINAL DO ARQUIVO 1774_PAULO_FIRMINO_DE_AGUIAR_22.04.2010_01]

B.H. – Você lembra dessas cenas?

P.A. – Essa aqui são os dois prédios, da Câmara e do Senado. Isso aqui já estava pronto.

B.H. – Quando você chegou...

P.A. – Quando eu cheguei lá, já estava pronto. Isso aí é o palácio, que estava pronto já. Eu lembro bem da construção que... uma construção de grande porte que começou foi ali perto do... onde tem o Banco Central e a igreja, porque começou tudo na mesma época. O Banco Central e a igreja, começou tudo na mesma época, a Catedral de Brasília, de Nossa Senhora Aparecida.

B.H. – Dessas, o senhor participou?

P.A. – Essa eu participei. Quer dizer, não trabalhei nela, mas eu passava sempre ali e via essas obras. Isso era obra que começava e ia mesmo.

B.H. – E aí o senhor morava aonde?

P.A. – Lá, eu morava na obra mesmo.

B.H. – Na obra mesmo.

P.A. – Lá, na obra mesmo. Morei primeiro na 209 e depois morava na 307, no prédio que nós fizemos. Esse já foi o segundo contrato.

B.H. – Isso durante dois anos.

P.A. – Certo.

B.H. – O senhor lembra dessa foto?

P.A. – Ah, isso aí eu lembro. Isso eu lembro que começou... Na fundação... Eu acompanhei. Quer dizer, passava, via quando estava começando a fundação, eles fazendo isso aí. E agora eu já assisti missa dentro dessa igreja.

B.H. – Naquela época ou agora, mais recente?

P.A. – Não, agora em 2003. Em 2003, quando eu estive lá, eu demorei lá, mas eu... Mas antes disso, o meu filho já estava morando lá. A gente ia lá e eu ficava uns dois dias e andava em todos aqueles lugares.

B.H. – O senhor teve quantos filhos?

P.A. – Filho mesmo são três: são dois homens e ela aqui, que é a caçula. O mais velho está no Rio.

B.H. – E um ficou lá. Um mora lá.

P.A. – Não. Ele veio embora. Ele ficou lá 11 anos, depois foi transferido para o Rio, ficou ali no Leme, e do Leme ele foi transferido agora para Campinas. Ele está em Campinas. Esse é major do Exército. E o mais velho é um solteirão, está na Prefeitura do Rio, é engenheiro civil. Esse do Exército formou-se em Administração e depois... Ele nunca falava de ir para o... mas, por intermédio de um colega dele, fizeram um curso no Colégio Militar. Aí teve que passar um ano em preparação, lá em Pituba, na Bahia, e depois foi para Brasília, ficou 11 anos em Brasília, parece, e depois saiu e veio para o Rio, e do Rio foi transferido agora para Campinas. E o mais velho é engenheiro civil, e ela é formada em Contabilidade.

B.H. – E dessa imagem, o senhor lembra?

P.A. – Esse local aqui, eu acho que é aonde tem aquele lugar de fazer caminhada que foi construído agora, um lugar fantástico de fazer caminhada. Brasília, quem conheceu ela na época e conheceu agora... Porque eu fui lá para um lugar, agora, passeando lá, fui lá passar em frente à Granja do Torto e fui lá para um lugar que tem o Colégio Militar, tem uma igreja, que não estava nem inaugurado, estava só o galpão, como quem ia para o lado de... Esqueci o nome do lugar lá. Mas é uma coisa bonita “pra chuchu”! Porque agora Brasília tem o setor de vender peça de automóvel, o setor de vender automóvel, tudo separado. Parece mentira isso, não é? Porque parece que onde tinha as oficinas de vender peça, que era na W3, tiraram tudo de lá agora. Eu esqueço o nome do lugar. Parece que se chama Guará, o lugar que eles botaram o setor... Você viu como é que o pessoal trabalhava? Ninguém tinha proteção nenhuma, está vendo? Ninguém tinha capacete. Não tinha nada.

B.H. – E tinha essa visão de que era uma parte de vegetação, de mata e que foi tudo aberto para poder construir essa cidade?

P.A. – Eu lembro bem que o Gama... O Gama fica na beira da pista e ele vem para cá. Emendou tudo agora e você não conhece, porque tudo é a cidade de Brasília. Chama-se cidade-satélite, mas é tudo Brasília. O Gama, essa empresa nossa chegou a concorrer para fazer as obras do

Gama, mas não ganhou a concorrência. Mas eu cheguei lá quando estava tudo mato. Eles tinham cortado o mato e estava só... Tinham feito a queimada e estava o mato plano para fazer a concorrência. Eu cheguei no Gama assim. Porque no Gama, inclusive, saiu na revista... Naquele tempo, tinha a revista *O Cruzeiro*, e saiu um... Descobriram umas pessoas que pareciam índio, criadas dentro daquele mato, irmão com irmã, tudo aleijado. Diziam que ali era... Parecia bicho, criado junto. Isso deu na revista *O Cruzeiro*. Eu cheguei a comprar lá essa revista e tudo. O pessoal dizia que ali morava irmão com irmã, [inaudível] marido e mulher. Parecia bicho. Isso deu na revista *O Cruzeiro* na época. São coisas que a gente não esquece, não é? E eu tinha essa revista em casa, mas nunca lembrei... Parece mentira. Eu me casei, eu tinha tudo. Eu comprei tudo novo, os meus negócios, tudo novo. Aí nem... A única coisa que eu levei foi uma mala de roupa, aqueles ternos melhores... Aliás, foi tudo roupa nova que eu tinha comprado. Aí deixei tudo lá com o meu irmão e nunca procurei aquilo, foto e revista que eu tinha. Tinha essa revista e uma série de troço de Brasília inclusive, porque a gente tirava foto da Cidade Livre, tirava foto dentro da obra... Isso foi coisa que eu...

B.H. – Ah, você mesmo tirava? Não era cortado da revista.

P.A. – Não. E eu tinha comprado também, no aeroporto, quando ia no aeroporto, ou na Cidade, eu comprava aquela revista mais importante, com o JK, com uma série de troços, com aquele menino, o Israel Pinheiro, que foi o primeiro prefeito de Brasília. Então, são coisas que eu não lembro. Eu tinha a revista com o Catetinho, que foi onde o Juscelino ficou a primeira vez, que era a fazenda desse Israel Pinheiro. Chama-se o Catetinho. Agora o Catetinho... Passou ali. Tudo é cidade ali. Foi o primeiro lugar que o Juscelino morou lá. A primeira noite dele em Brasília foi no Catetinho. Chamava-se Catetinho. E tem aquela igrejinha que tem um bico, assim, parecendo uma asa delta. A primeira igreja que foi feita ali em Brasília foi aquela ali. Foi a primeira igreja de Brasília. Eu assisti muita missa ali. Esse é o Garrincha, que está com ele aqui, não é?

B.H. – É. Chegando da Copa de 1958.

P.A. – É.

B.H. – Aqui, a recepção, o palanque. Aqui, o Lacerda.

P.A. – Poxa!

B.H. – A chegada da seleção, em 1958, o senhor lembra também?

P.A. – Lembro sim. Olha, por falar em Lacerda... Naquele tempo, era o estado da Guanabara. Foi quando mudou. Nunca mais o Rio de Janeiro teve um governador igual ao Carlos Lacerda. Porque se aquele cara tivesse chegado a presidente da República, ele tinha tirado todas essas favelas [inaudível] lugares. Eu sou a favor de tirar a favela do lugar. Mas dá o lugar para onde o cara vai já para morar. Porque, por exemplo, o Carlos Lacerda tirou o pessoal dali... Por exemplo, a favela de Ramos, ele tirou. Eu tive um cunhado que ganhou casa lá no... A minha irmã tem a casa até hoje, lá na Vila Kennedy. É uma casa boa. Mas fez rua, fez tudo. Porque a polícia vai atrás de um cara daqueles e sabe onde pegar o cara. Agora, a polícia vai atrás de um cara na Rocinha, ela não pega nunca. O morro do Cantagalo e do Pavãozinho agora já está mais... já tem lugares que pode entrar, mas antigamente não podia entrar. E o Lacerda tirou a favela que tinha ali atrás da General Severiano, que era o morro do Pasmado. Aquele morro dava frente ali para a Venceslau Brás, lá por trás. Cansei de subir ali na Venceslau Brás e descer pelo outro lado e sair na General Severiano. Tirou aquela que se chamou a Catacumba, da Lagoa, e ali tudo é prédio alto agora. Ninguém acredita que aquilo era uma favela. E o Carlos Lacerda levou... Eu lembro que ele construiu a Vila Kennedy; construiu, ali perto de Santa Cruz... Eu esqueço o nome do bairro ali que ele construiu. Tudo cidade que ele construiu para levar o pessoal da favela. A Vila Aliança. Quer dizer, tudo foi ele que... Ele fez cidade. Tirou o pessoal da favela²⁴ e levou para lá. E eu lembro que dali da General Severiano, aquela favela do Pasmado ali, eles não queriam sair. Saiu uma turma e depois não quiseram... ofereceram resistência, e ele chamou o Exército. Botou o Exército em cima e tiraram. Mas o pessoal já ia para um lugar, para uma casa. Ele fez a Vila Kennedy, a Cidade de Deus, mas o pessoal já ia para um lugar que estava todo... com asfalto, tudo ligado, tudo direitinho. É uma casa. Não é igual... E umas casas melhores do que aquelas que o... Fizeram o Cesarão²⁵, lá no Recreio dos Bandeirantes. Aquilo é uma vergonha. Você entra ali, é uma vergonha, aquele Cesarão. Inclusive, com essa chuvarada, deve ter enchido aquilo tudo, porque é muito baixo. Mas são “um ovinho”, aquelas porcarias. E o que o Carlos Lacerda fez, por exemplo, a Vila Kennedy e essas outras da época dele, são quarto, sala, cozinha e banheiro, mas com um terreno grande

²⁴ O mais próximo do que foi possível ouvir.

²⁵ O entrevistado provavelmente se refere à favela César Maia, localizada em Vargem Grande, criada em 1996 para receber desabrigados de uma enchente na Cidade de Deus. Cesarão é o nome popular de um conjunto habitacional construído no final da década de 70 em Santa Cruz.

para a pessoa aumentar. Esse meu cunhado lá aumentou uma parte. É um de esquina, lá na Vila Kennedy, mas é um troço bom, é um terreno bom. E todas as casas da Vila Kennedy têm espaço para aumentar. Agora é que... Depois eles mudam. Mas ali continua aquele foco de maconha que o pessoal não acaba nunca. Isso é em todo lugar. Você vê, uma cidade que eu conheci ela... uma cidade chamada Acaiaca, lá perto de Ponte Nova: quando eu me casei, era uma cidadezinha gostosa, não tinha esse negócio de maconha. Agora está empestada. E é uma cidade que cresceu “pra” caramba agora. É uma cidadezinha gostosa...

B.H. – Aonde?

P.A. – Chama-se Acaiaca. É de Mariana para lá e de Ponte Nova para cá. É a 60 quilômetros de Ouro Preto para lá, à esquerda. Mas é uma cidade gostosa. É a cidade de onde é aquele menino, o Giovanni, um jogador que está lá para o lado de... Ele esteve jogando no Benfica e agora está... Ele está em Portugal de novo, mas está em outro time. O Giovanni é de lá. Eu conheci aquele menino quando a mãe dele estava esperando ele. Coitada, ela faleceu agora em 2003. E o pai dele, tem um ano e pouco ou dois anos que faleceu, não é, Aparecida? Ela morava... Era vizinho deles.

B.H. – Quando vocês se casaram?

P.A. – Eu casei no dia 28 de dezembro de 1963.

B.H. – Então, dois anos depois de ter voltado de Brasília para o Rio. Foi isso?

P.A. – Foi.

B.H. – Como é que foi a decisão de deixar Brasília? Acabaram as obras, não tinha mais...

P.A. – Acabaram as obras e eu... Eu gostava muito do Rio de Janeiro, igual ela também gosta, e por causa dela, eu digo: “Não, eu vou ficar no Rio”. [riso]

B.H. – Mas em algum momento o senhor pensou...?

P.A. – Eu recebi um convite, inclusive do IAPI, para ficar lá como fiscal. Porque eu fiz um prédio... Esse prédio era em frente à fiscalização do IAPI, que era quem fiscalizava nossas obras. Esse prédio que eu fiz, do Senado, a fiscalização ficava em frente do nosso prédio. E eu levei aquilo numa aprumada, aquele prédio, só de sacanagem. Levei aquele prédio numa aprumada que o cara... “Cara, tu és louco, rapaz!” Mas as obras que eu fiz, eu mesmo aprumava, levava aquele prédio numa aprumada que só você vendo.

B.H. – E do grupo do senhor, alguém ficou? Ou todos voltaram?

P.A. – Não. Tem um lá, que eu não sei se ele é vivo ainda. Chama-se João Alves da Costa. Ele ficou lá. E inclusive casou com uma empregada que era desse engenheiro que... Porque ele tinha duas empregadas lá, e tinha uma empregada que parece que era viúva e parece que ele casou com ela. Disseram que ele casou com ela, o João.

B.H. – Mas o comum era voltar. O normal era...

P.A. – Era voltar. Mas esse menino ficou lá. O João ficou lá, mesmo. Ele ficou por ali. Mas não tive contato com ele mais nunca.

B.H. – E o pessoal que saía do Nordeste para ir para lá voltava? Ou acabou ficando lá?

P.A. – Não, muita gente ficou lá. Muita gente... Às vezes, era um rapaz solteiro que construiu família lá, casou e ficou lá. Mas a tendência daquele pessoal que vem do Norte, que tem as raízes deles lá no Norte, é voltar. E eu mesmo, eu vim para o Rio, depois o meu pai e a minha mãe vieram para o Rio, e inclusive morreram no Rio. A minha família veio toda para o Rio. Eu tenho ainda parentes em João Pessoa e em Campina Grande. Ainda tenho parentes lá.

B.H. – O senhor falou de vários políticos. E os arquitetos, aqueles que imaginaram a cidade, eles eram conhecidos, como o Oscar Niemeyer, o Lucio Costa...?

P.A. – O Oscar Niemeyer, naquela época eu não tinha tanta influência [inaudível]. Mas o Oscar Niemeyer foi um... Era um dos caras que depois que a gente... que eu comecei a trabalhar por minha conta, que a gente via a obra que o cara fez... O Oscar Niemeyer é muito falado, e esse Lucio Costa. Então, são pessoas que...

V.B. – Mas lá em Brasília, vocês não tinham contato, não viam?

P.A. – Não via, não tinha contato. Só sabia que era projeto. Isso, antes de viajar para Brasília, eu já sabia, que o projeto de Brasília tinha sido por esse Niemeyer. Essa minha mulher conheceu o Niemeyer. Ela chegou... Com o pessoal que ela trabalhava com eles, ela chegou a ir a aniversário na casa do Niemeyer. Ela teve o Niemeyer falando com ela. Ela conheceu a mulher do Niemeyer.

B.H. – E vocês tinham essa dimensão de que a cidade tinha sido projetada tendo o desenho de um avião?

P.A. – É uma coisa fora de série, não é, rapaz? Não, o que eu acho mais interessante é aquela... Porque eu lembro que eu era criança na Paraíba e ouvia falar. O pessoal vinha para o Rio de Janeiro e dizia que a capital do Rio de Janeiro ia mudar para Brasília, que era o centro do Brasil. Eu lembro que eu era criança e escutava falar isso. E quando cheguei no Rio, que o Juscelino... que surgiu a conversa de que ele ia mudar [a capital] para Brasília, aquela entrevista dele de que se ele fosse... Inclusive, passou essa semana aí. Se ele fosse eleito, se ele mudava a capital. Ele disse: “Eu mudo. Vou mudar”. Passou essa semana, na missa dele, um padre que fez... que levou quase uma hora falando, que é o padre de lá, o arcebispo, ele falou... Não sei se foi ele ou se foi outro que falou, que estava representando o Lula. Não, foi um padre que foi entrevistado, o arcebispo, ele disse: “Na época, quando Juscelino foi candidato, uma pessoa entrevistou ele” – ele deu o nome da pessoa – “e ele disse, ‘não, eu vou mudar a capital’”. E mudou. Aí eu estava... Porque a gente fica falando e vai lembrando do que o cara fez. Por exemplo, o Lacerda... Porque eu acho um erro... Agora, um governo ou um prefeito começa um serviço... Devia ter uma lei federal que dissesse que se aquele começou e não acabou, o outro que viesse tinha que acabar aquilo. Por exemplo, no Rio tem um prédio que eu vou falar com vocês e vocês vão ver o... Porque deve estar lá até hoje e vocês sabem disso. Daqui a pouco eu falo. Mas eu lembro que eu trabalhava na Praia do Flamengo, 392, e era só atravessar a pista e tomar banho na praia. E o Juscelino tinha começado aquele aterro e o Carlos Lacerda veio atrás e acabou. O Carlos Lacerda... O Recreio dos Bandeirantes era mato; a Barra da Tijuca, ele loteou aquilo tudo. Aquele asfaltozinho que tem naqueles lotes, onde está quase tudo construído, no Recreio dos Bandeirantes, foi tudo feito pelo Carlos Lacerda. Fez o Riocentro. Foi tudo o Carlos Lacerda que fez aquilo lá. Foi tudo ele. Ali no Carrefour... Porque o pessoal ainda diz que onde

tem o Carrefour, no Rio, que aquilo é de uma família que ninguém sabe quem é. Dizem que aquilo foi invadido. Mas ninguém sabe quem é essa família. Uma vez deu isso. A história do Carrefour tem essa história de que ele é invadido. Ele é de uma família que ninguém sabe quem é, lá no Rio, o Carrefour. Um trecho ali.

B.H. – Tinham pessoas que, por exemplo, criticavam a construção de Brasília, de que seria muito cara para o governo, estaria se gastando muito dinheiro? Havia esse tipo de crítica também, além de tirar do Rio a capital?

P.A. – Na época, eu não me ligava muito nisso, porque eu era novo, mas o pessoal falava. Mas, bolas, é aquele negócio: para fazer uma obra daquelas, tinha que ter dinheiro. Porque se não desse vantagem, ninguém queria ficar lá. Com toda a vantagem que ele dava, muita gente... Eu lembro até que um... que eu estava no aeroporto e chegou um capitão do Exército dizendo assim... Ele chegou com a mulher, porque ele estava sendo transferido para lá, e dizendo assim: “Eu vou ficar nessa poeira? Não é possível. Vou dar um jeito e vou embora, nem que eu tenha que dar baixa”. Eu estava no aeroporto e o cara falando isso. Ele estava com a família, porque ele tinha chegado, e estava tomando um café e falando isso. O nosso avião estava atrasado e ele... “Eu não vou ficar nessa poeirada”. E eu, a primeira vez que eu fui para Brasília, eu fui de gravata, um terno branco bonito, sapato... O meu sapato era marrom, mas um marrom bem clarinho, um terno bonito. Quando cheguei lá na Cidade Livre, aí o português que estava com a gente, ele também tinha ido todo bonito, ele chegou e disse assim: “Rapaz! A gente...”. Nós fomos lá para um restaurante para almoçar e ele disse assim: “Olha, tem que tirar a roupa aqui para ir com a roupa de trabalho, porque vão chegar dois carros aí para levar a gente lá para o setor do trabalho”. Aí a gente... Aquela poeirada. Eu disse: “Nossa Senhora!”. Aí fomos lá para o setor do trabalho. Muita gente ainda veio dormir no restaurante, mas eu disse: “Não, a gente faz uma cabana lá e fica lá”. O tempo estava mais ou menos, aquela garoinha. Eu cheguei lá e mandei botar umas madeiras, assim, fizemos as madeiras de escama e ficamos já ali de uma vez. Eu sei que eu lembro que eu fiquei oito dias sem comer. Eu só comia queijo e doce. Porque quando eu vi... Inclusive, era nessa escola que chamavam Escola Técnica, onde o Juscelino recebeu a gente. Era uma mulher que era fiscal do IAPI, e essa cantina dela... Ela tinha, me parece, um contrato com o IAPI para dar comida a todo... Então, quando eu vi aquela marmita chegar lá... Porque todo lugar de mato tem mosca. Quando eu vi aquela marmita chegar lá e eu vi... Parece mentira, mas o que tinha de mosca morta ali em cima...

V.B. – Dentro da comida?

P.A. – É. Eu disse: “Isso é um absurdo!”. Aí joguei aquilo fora e não comi. Então, tinha um açougue lá perto, perto da W3, aí eu aprendi onde era o açougue a mandava o cara buscar... E naquela época o pessoal não sabia, não dava valor ao filé *mignon*, eu só comprava filé *mignon*. [riso] Parece mentira isso.

B.H. – Não era caro.

P.A. – Não era caro, rapaz! Eu assava na brasa ali. Então, oito dias depois, no final da semana, conversamos lá com o nosso engenheiro. Isso deu um “bololô”! Aí o nosso engenheiro autorizou de nós fazermos uma cantina lá. Eu disse: “Se não fizer a cantina, a gente vai embora”. Aí fizemos uma cantina lá. E quando começamos, na segunda-feira, a fazer a nossa comida, a buscar ali um cara para fazer o nosso almoço, para fazer a comida para todos, a mulher do IAPI foi lá e houve uma confusão danada, rapaz. Aí o dr. Fernando disse assim: “Olha, o nosso pessoal, **[inaudível]**, eles não são obrigados a comer isso”. Eu sei que toda construtora... Acabou aquele papo. Fizeram cantina na obra para o pessoal. Cada um fez a sua cantina, nessa briga que teve. O dr. Fernando Castilho, foi ele que conseguiu derrubar isso. Aí todo mundo... as construtoras que tinha, daquela época para lá, fizeram cantina. Aí acabou aquele papo de a mulher querer dar comida... Não vou dizer que ela mandava fazer aquilo, mas aquilo, parece que... Era muita gente e iam fazendo aquilo e deixando para lá. Depois, quando botava aquela capa de farinha em cima, a mosca morria ali, abafada com aquilo. E eles cobriam, não viam e... E eu disse: “Não, não como.” Aí fiquei uns quatro ou cinco dias só comendo doce com queijo e tomando café com pão e essa coisa. Aí, no final de semana, nós fomos para a Cidade Livre, fizemos a compra do pessoal, e já tínhamos conversado com o dr. Fernando e fizemos uma cantina lá. Botei um cara lá para fazer a nossa... Aí pronto, acabou. Aí o nosso grupo ficou ali. Mas isso deu uma confusão, rapaz! Essa mulher do IAPI veio lá brigar com ele. Ele disse: “Nós temos um contrato com o IAPI. Não um contrato para a comida; temos o contrato da construção. Agora, o nosso pessoal não é obrigado a comer o que vocês querem”. Aí acabou o papo dela. Eu sei que aí foi a Construtora Oxford, a Eso²⁶ Engenharia, que era de um coronel do Exército... A Eso Engenharia, eles botavam aquele... Era só disco de... daquele menino de... Aquele baixinho que morreu. Ele tinha um escritório na Beira-Mar. Nelson

²⁶ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Gonçalves. Eles botavam na torre, lá em cima, no ponto mais alto. Aquilo era de dia à noite, música de Nelson Gonçalves.

B.H. – É mesmo?!

P.A. – De dia à noite, até a hora de parar. Só parava no intervalo da noite, quando parava a construção. Mas ficava de dia à noite botando disco dele ali, do Nelson Gonçalves.

B.H. – O senhor falou que no Rio era o Luiz Gonzaga. Então, lá era o Nelson Gonçalves.

P.A. – Era o Nelson Gonçalves. O Nelson Gonçalves era muito querido. Foi um dos primeiros cantores a ir lá cantar naquele Teatro Nacional. Foi um dos primeiros. Lá tinha o programa dele de domingo, que tinha aquele negócio do programa de calouros. O pessoal ia para lá, no Teatro Central, ali de Brasília... o Teatro Nacional, que foi um dos primeiros a ser inaugurado ali.

B.H. – E quando então o senhor voltou para o Rio, aí o senhor continuou a trabalhar...

P.A. – Com obra, mesmo. Trabalhando com obra, mesmo, até... Trabalhei com obra até agora, no final de 2002. Eu me aposentei em 1990. Aí parei de uma vez. Porque eu fiquei sem serviço, nesse governo Fernando Henrique. As construtoras que eu trabalhava para eles ficaram só com aquele pessoalzinho, já não empreitando mais nada, só aquele grupo de gente mais velha. E firma que fazia cinco ou seis obras ficou só com uma obrazinha só, aquele pessoal antigo. Aí não empreitavam mais nada. E aí eu fiquei sem obra.

B.H. – Mas já naquela época, nos anos 60, dizem que o Rio se ressentiu muito da perda, do ponto de vista econômico. Isso apareceu no seu trabalho específico, de ter [inaudível] de crescimento econômico por conta disso?

P.A. – É, teve época que a gente sentia, sim, essa coisa. Mas depois continuou-se. Houve inclusive... Aí, quando veio o governo militar, com aquele negócio do BNH²⁷, então foi um desenvolvimento fora de série.

²⁷ Banco Nacional de Habitação, criado em 1964, para ao financiamento e produção de empreendimentos imobiliários.

B.H. – No período militar, voltou a...

P.A. – [Voltou] a crescer novamente. Porque teve aquele negócio do BNH, todo mundo foi... para fazer os prédios do BNH, porque não existia aquilo na época. Então, aí passou a crescer e normalizou tudo. Mas teve alguma época que a gente sentia a construção cair. Mas nunca cair, assim, igual caiu no governo Fernando Henrique. Esse Fernando Henrique... Depois, privatizou tudo. Eu achei engraçado que ele fazia crítica do Lula e agora ele para. Parou de fazer crítica do Lula. Porque o Lula, é esse negócio, com aquela roubalheira desse mensalão... O Lula sabe, mas... O único cara que eu acho... É engraçado o Jefferson defendê-lo. Ele já faz aquilo de gozação. Ele disse assim: “O Lula não sabe de nada. Ele é o único homem que não sabe de nada”. Mas ele sabe que ele sabe. Para mim, fizeram uma injustiça com o Jefferson, porque cassaram ele. Ele devia ser o último a ser investigado, porque ele é que descobriu.

B.H. – O Roberto Jefferson?

P.A. – É, o Roberto Jefferson. O Roberto Jefferson, no tempo que ele era gordão, eu cansei de tomar cerveja com ele em Sepetiba. A gente se encontrava lá num restaurante. Naquela época, ele era pobre, tinha um Fusquinha. Eu ia comprar em uma peixaria lá que era de dois irmãos que tinham um barco de pesca e tinham um restaurante e tinham uma peixaria ao lado, e a gente se encontrava ali. Tomei conhecimento com ele lá, naquela época. Aí eu fiquei umas três ou quatro vezes tomando cerveja junto com ele lá. Ele andava num Fusquinha. Aquela barrigona... Depois fez aquela operação e nem parece que era aquele Jefferson daquela época. Naquela época, ele não era político. Depois, candidatou-se, aí passou a ser político. Mas político... Eu gosto dele porque é um cara... O que ele tem que falar, ele fala. Tem ao menos essa bondade.

B.H. – E Brasília então, a partir daí, depois que o senhor voltou para o Rio, qual é a imagem que...? O que se passou a falar de Brasília? Foi mais essa coisa da política?

P.A. – Eu acompanhava sempre pela televisão, Brasília. Eu sempre acompanhei pela televisão, mas sempre fui... Eu sou um dos caras que sou louco por Brasília. E gostei de ver, porque ninguém acreditava e foi construída. E fico triste quando falo no nome do Juscelino porque ele morreu e não... daquele jeito. Então, às vezes eu discuto aqui. A minha mulher acha que foi preparada, a morte dele. Não foi. O Juscelino, ali, para mim foi um cochilo que... Porque parece que ele vinha de uma reunião em São Paulo, parece que tinha almoçado lá, ou jantado, e quando

aquele homem foi saindo da parada, parece que houve um pequeno cochilo. Dava a impressão disso. Porque uma pancadinha à toa em um automóvel que vem a uma disparada... Vamos supor que ele viesse a cem ali. Então, aquele automóvel que rodopiou ali, atravessar a pista, ali em Resende, ir para o outro lado da pista, e naquela hora passar uma carreta, não há como programar isso, aquela carreta passar na hora e pegar o cara. Não pode dizer que foi uma morte preparada, concorda comigo? Para mim, ali, o do Juscelino foi um acidente. Mas que... Eu fiquei pensando, eu disse... Eu falei com a minha mulher na época, eu disse: “Se eu pudesse, eu ia ao enterro desse cara”. [riso]

B.H. – O senhor gostava dele.

P.A. – Então, quando eu vou a Brasília, eu vou lá naquele monumento dele lá. Tem o carro dele naquela casinha de vidro lá embaixo. Eu passo ali. Eu ia sempre ali na igreja de Nossa Senhora da Paz, que fica ali pertinho. Aí eu ia lá, passava e ficava olhando lá para o... É uma coisa fora de série!

B.H. – Então o senhor ficou seis meses, agora recente, lá em Brasília?

P.A. – Foi em 2003.

B.H. – O seu filho morava lá ainda...

P.A. – Morava lá. E ele estava se separando da mulher. Porque ela arranhou uma filha com ele, a mulher, e iam morar em Porto Alegre, porque o pai dela... Ele era capitão e passou mal de repente e perdeu a voz e aí foi reformado. Aí, como ele tinha um terreno lá em Porto Alegre, ele quis voltar para lá. O meu filho chegou até a estar morando com ela uns tempos, porque ele ganhou uma filha lá com ela. Mas sempre aquela briga, aquela briga. Então eles se separaram. Mas ela quis ir embora²⁸ para lá... Aí a minha mulher disse: “Não, vamos para lá para dar um apoio ao meu filho”. Ficamos lá, e acabamos ficando lá com ele por seis meses.

B.H. – E comparando a época que o senhor foi para construir e agora...?

²⁸ O mais próximo do que foi possível ouvir.

P.A. – Nossa Senhora! É uma coisa fora de série! Eu fiquei maluco! É como eu estava te falando: que emendou Luziânia, Paracatu, a Cidade Livre. Só dos que eu conheço. E tinha ali Sobradinho, Taguatinga... Isso emendou tudo. Tudo era barro, longe. Você ia de... Não era tão longe porque são lugares onde não tem morro, é tudo em pistas diretas, mas você levava 15 a 20 minutos para Taguatinga, ou para Sobradinho, e está tudo emendado. Quando você olha, assim, tudo é cidade. Emendou com o aeroporto, não é?

B.H. – Mas as construções das quais o senhor participou, o senhor chegou a ver como é que está? O senhor voltou...?

P.A. – Eu vi as construções. Tem muita construção em Brasília.

B.H. – Cresceu muito.

P.A. – Cresceu. E está crescendo. Inclusive, uma biblioteca que estão fazendo lá agora que é uma obra fantástica. Quando eu estava lá, estava começando a fundação. É uma obra muito grande. E outro dia eu vi na televisão, ela já está quase pronta. É uma coisa fora de série! Mas Brasília não para. É uma cidade que não para. Eu acho bonito ali porque tem o lugar hoteleiro...

B.H. – E quando o senhor vê uma obra sua, o que o senhor pensa? O que o senhor sente, quando o senhor vê um prédio que o senhor ajudou a construir?

P.A. – Poxa! A gente fica louco, não é, rapaz? Eu passei nos lugares que eu trabalhei lá... Eu fico assim pensando... E quem ia no aeroporto, para ver aquilo que é agora... Por exemplo, aquele lago Paranoá, que era uma coisa à toa, é uma praia de lago, é cheio de barco²⁹, famoso ali dentro. Aquilo cresceu tudo. Quer dizer, é uma coisa fora de série! E tem aquela zona do lago Paranoá, lá do outro lado – para quem está em Brasília, do outro lado –, o lugar do metro [quadrado] mais caro de prédio é ali. Inclusive, agora passou um cara que eu acho que é deputado, um japonês, desses ladrões de Brasília – eu acho que ele é deputado –, que tem uma casa no valor de 5 milhões e pouco. Quer dizer, é um absurdo. Passou aquilo, o cara entrevistado e depois dizendo que não era dele, que foi com o dinheiro do cunhado e isso e aquilo. Agora mesmo eu estava olhando... Eu estou com a revista ali, a revista da vergonha,

²⁹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

aquele castelo aqui de Minas. Você já viu aquilo? Acompanhou aquilo na televisão? Eu estou com aquela revista aí. Aquele cara que dizia que não sabia, que não sei o quê, com aquela cara de bobo. Está ali o castelo. É uma fortuna aquilo ali, não é, rapaz? O pessoal dizia que era um bingo. E está com aquilo ali. É um absurdo isso. E ninguém é preso. Tinha que tomar tudo que o cara tem. Como é que o cara vai fazer casa...? O que ele ganha dá para ele fazer uma casa de 5 milhões, aquele castelo?! Me dá essa revista da vergonha, essa segunda que tem embaixo. Olha só. Deixa eu ver ela aí. É essa aí. Olha só. É brincadeira isso aqui. Você já viu essa revista? Já? Desse mineiro que tem aí, o cara que... O cara é um deputado. O cara tem porte para ter um troço desses, um patrimônio desses?! Fala sério! É dinheiro roubado. É dinheiro da Nação. Olha, essa casa que esse tal de Bejani³⁰ está fazendo aqui em Ewbank da Câmara, que é uma cidadezinha acima de Juiz de Fora uns cinco ou seis quilômetros, eu vi pela fotografia, tem uns 200 metros de frente, a casa que o cara está fazendo. Tudo com material carregado daqui pelos caminhões da prefeitura. Ele ficou dois meses preso em Contagem e não devolve nada. Outro dia, estava aí com esse Custódio Mattos, que é o prefeito atual agora. Estavam os dois sentados aí, de gravata e batendo papo um com o outro aqui dentro da Câmara, no Parque Halfeld, que a Prefeitura... Estavam os dois aí batendo papo. Quer dizer, daqui a dois anos ou três, o cara se candidata de novo e o pessoal vota nele. E tem gente aqui que briga por ele. Inclusive tem esse cara que morava aqui, Aparecida, o de lá do apartamento aqui de frente com a gente, ele dizia que ele foi um bom prefeito para ele. Agora, não sei por quê. Alguma coisa tem, não é? Que ele foi um bom prefeito para ele.

V.B. – O senhor falou que gosta muito da cidade de Brasília, não é?

P.A. – Gosto.

V.B. – Quando o senhor lembra daquele esforço todo que todo mundo fez para a inauguração, acha que valeu a pena então tudo aquilo?

P.A. – Tudo. Não tem dúvida.

V.B. – A dificuldade, tudo?

³⁰ O entrevistado refere-se a Carlos Alberto Bejani.

P.A. – É. Porque na época, a pessoa passou aquilo, mas ninguém lembra. Porque a pessoa tendo saúde, a pessoa enfrenta tudo na vida e não sente. Naquele tempo, a gente era novo, dormia maldormido... Porque, olha, o que tinha de mosquito naquele [inaudível]! A gente tinha que usar aquele paviozinho que fica queimando a noite toda. A gente usava aquele paviozinho para dormir. Bom, ninguém acreditava que uma cidade daquela... A gente chega lá agora, só pistas bonitas, não é, rapaz? Tudo... É uma coisa fora de série! E é uma cidade... E as obras, os prédios, é tudo bem-acabado, tudo detalhado e essa coisa. Ali não tem praia, mas tem ali um lugar que o pessoal faz caminhada que tem aquele chuveiro no tempo quente. Você passa ali e toma um banho. Aquele lugar onde o pessoal faz caminhada ali. Eu esqueço o nome do setor ali. É muito grande. Dá não sei quantos quilômetros, para você dar a volta. Todo domingo, todo final de semana está o pessoal ali. Tem gente que só vive sabe de quê? De fazer massagem. O cara leva aquele aparelho dele lá, o sujeito deita naquela cama lá e o cara fica fazendo massagem ali, ao vivo ali, naquele lugar ali. Tem “nego” que faz fila, esperando o cara. Porque cada um tem seu massagista preferido. [riso]

B.H. – Sr. Paulo, nós queremos agradecer imensamente ao senhor por essa entrevista e por ter nos recebido na sua casa.

P.A. – Foi uma pena eu não ter umas fotografias daquelas. Quer dizer, eu nunca pensava isso. Se eu tivesse guardado as coisas que eu tinha na casa lá onde eu morava com o meu irmão... Depois deixei tudo para ele e essa coisa. Coitado, Deus o ponha em um bom lugar. Porque fez um ano agora, dia 17 de dezembro, que ele morreu de repente. Morreu lá no Rio. Ele estava morando lá no Rio, lá perto de Bangu. Graças a Deus, deixou uma família também criada direitinho. Graças a Deus, meus sobrinhos... Na nossa família, graças a Deus, eu posso me orgulhar, porque não tem nenhum maconheiro, nenhum cachaceiro, graças a Deus. Tanto dos meus sobrinhos por parte das minhas irmãs como por parte das irmãs dela. Graças a Deus.

B.H. – É pena, realmente, porque foto ajuda a lembrar.

P.A. – É. E eu tinha umas fotos boas: foto do Juscelino, porque eu sempre me amarrei no negócio de Juscelino. O Juscelino foi um cara... Você já pensou, eu, sujo de barro do jeito que estava, abraçar o presidente da República?!

B.H. – Mas, de todo modo, muito obrigado.

P.A. – Mas ele abraçava todo mundo igual. Não tinha esse negócio de ele pegar a pessoa... a mão da pessoa. Ele pegava a pessoa e abraçava. A gente sentia aquela emoção, não é, rapaz?

B.H. – São poucos, não é?

P.A. – É. Aí, eu estava pertinho do avião dele, assim, quando ele entrou. Aí o aviador ajudou ele a amarrar o cinto ali, aí ele se benzeu todo, essa coisa, e aí ele falou: “Pronto. Agora pode subir”. Achei isso bonito, rapaz!

B.H. – Ele era simpático, não é?

P.A. – Poxa!

V.B. – Tem uma foto dele chorando, aqui na inauguração.

P.A. – E a entrevista dele com o presidente Eisenhower, lá debaixo daquele Eixo Rodoviário. Estava até chovendo na época. O helicóptero parou em cima e eles desceram a escada e foram ali embaixo. Aquilo ficou assim de gente. Eu estava pertinho deles. Ouvi ele³¹ falar assim... Ele deu um discurso só em francês só. Poxa!

B.H. – Olha ele chorando.

Participante. – Ele chorava e fazia os peões chorarem também. Porque todo mundo fica emocionado quando fala dele, não é? É um conterrâneo. Só podia ser gente boa. [riso]

B.H. – Mineiro.

P.A. – A emoção dele. Agora, ele era um cara vaidoso. Ele só andava [**inaudível**]...

³¹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Participante. – O mais engraçado... Ele nunca tinha andado de avião. Então, a primeira vez que ele foi andar de avião, ele colocou o jaquetão de linho... Mas eu ri demais quando ele me contou.

P.A. – Olha só. Ele está desse jeito lá na... Naquele monumento, ele está desse jeito mesmo, não é? Fizeram bem feito aquilo lá, não é?

B.H. – Fizeram. Quando fizeram uma minissérie³², o senhor assistiu a minissérie?

P.A. – Assisti. Inclusive, passou o camarada... Na missa, estava aparecendo... botaram lá um ator com uma mulher, para dizer que era o Juscelino com a mulher, não é Aparecida? Na missa de Ação, botaram um ator, para dizer que era o Juscelino, com a mulher, com a Sarah. Eu disse: “Por que não botaram o Wagner³³, aquele que fez a minissérie?”. Porque deviam ter botado ele. Nessa hora... Vocês vão ver a missa que teve nessa semana de... começou às dez e pouco e acabou à meia-noite e meia. Aí botaram um ator lá com uma mulher, para dizer que era o Juscelino com a dona Sarah. Deviam ter botado o Wagner. Porque ele fez um papel bonito, não fez?

Participante. – É um bom ator, não é?

B.H. – Está bom, sr. Paulo. Muito obrigado mais uma vez.

P.A. – Obrigado a vocês. É uma pena não ter as fotografias de lá para...

V.B. – Não, mas foi ótimo.

P.A. – Agora parece mentira, mas se eu tivesse... Se eu encontrasse vocês em Brasília, se eu estivesse lá, eu ia andar por lugares que... Eu estive esses seis meses lá, mas eu andei “pra” caramba em Brasília. Eu conheço tudo lá agora. Nossa Senhora! Eu conheço coisas em Brasília... Ela andou comigo “pra chuchu”³⁴. [riso].

³² O entrevistador se refere à minissérie *JK*, exibida pela Rede Globo em 2006.

³³ O entrevistado se refere ao ator Wagner Moura.

³⁴ O mais próximo do que foi possível ouvir.

B.H. – E assim que o senhor estiver no ar, nós vamos informar para o senhor.

P.A. – Está ok.

B.H. – Hoje em dia é tudo com o computador e internet, então vai ter um trequinho da entrevista, para todo mundo poder acessar e ouvir e ver o depoimento do senhor.

P.A. – Muito obrigado.

B.H. – Eu trouxe o documento para o senhor assinar, para autorizar a transmissão da imagem.

P.A. – Está ok.

B.H. – São duas vias. Eu peço ao senhor para assinar porque é importante.

[FINAL DO DEPOIMENTO]